

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Isto É Class.: Amaz. / Saúde
 Data: 27/01/88 Pg.: 56 11

MEDICINA E SAÚDE

Más novas na floresta

Ocupação da mata amazônica multiplica casos de malária

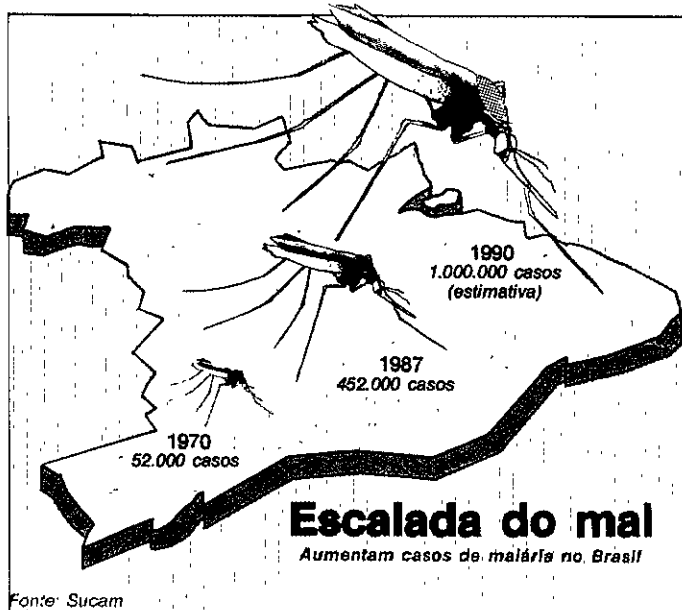
O número de brasileiros que a cada ano se infectam com malária deverá dobrar até 1990. Conforme estimativas da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam), a quantidade de casos notificados dentro dos próximos dois anos deverá chegar a 1 milhão a cada doze meses. Mais de duas vezes os 452 mil registrados no último ano. Caso se

quase todos de pessoas que vieram de regiões infestadas.

"Mas é a maneira desordenada de se ocupar a Amazônia que vem causando tal desequilíbrio", analisa Carlos José Mangabeira, diretor da Divisão de Malária da Sucam. Além do feérico desmatamento, que modifica o *habitat* do anofelino colocando-o em contato com o homem, a construção de casas não obedece a qualquer critério sanitário. "A Sucam não é avisada desses projetos de assentamento ou garimpos, o que dificulta uma melhor identificação da área", afirma o médico sanitário da superintendência, Tadayasu Sakamoto.

DESCONHECIMENTO MÉDICO - Mas, se as estimativas oficiais são ame-drontadoras por si mesmas, a realidade parece ser bem mais cruel. "Há quem calcule o número real de infectados

como algo três vezes maior que o número oficial", afirma o superintendente de Combate a Endemias (Sucen-SP), Antônio Guilherme de Souza. Na sua opinião, além da ocupação caótica da região amazônica, o que torna impossível qualquer controle sanitário, os médicos não sabem diagnosticar e tratar a malária. "Nas regiões onde a malária não é endêmica, os médicos demoram a descobrir a presença da doença, o que pode, como já



confirme essa sinistra previsão, o ataque dos anofelinos, os mosquitos que transmitem a malária, provocará a doença em um número de brasileiros vinte vezes maior que há vinte anos. A maior parte dos atingidos vive nas regiões da mata amazônica. Principalmente os garimpeiros que se embrenham pela selva dormindo em improvisados abrigos.

"Em geral as barracas onde moram os garimpeiros têm uma cobertura de plástico que também funciona como parede", explica o médico sanitário Guilherme de Moura Magalhães, 61 anos, desde 1960 trabalhando na Erradicação da Malária. "Este tipo de domicílio é inviável para a ação do DDT, o inseticida que usamos contra o anofelino." Quase exclusiva da região amazônica, a malária, no entanto, atinge os Estados do Sul. Em São Paulo, por exemplo, houve 3.040 casos no ano passado,

aconteceu, levar à morte do paciente."

Escaldado por más experiências no passado, Antônio Guilherme de Souza preocupa-se hoje com a possibilidade da volta da febre dengue que em 1986 vitimou centenas de milhares de brasileiros, principalmente cariocas. "A volta da dengue é muito perigosa, pois pode ocorrer na sua forma hemorrágica, que às vezes é fatal", explica. Para Souza, não há dúvida de que essa doença voltará em sua versão mais cruel. "Há dengue na Colômbia, Venezuela e Paraguai, países com os quais o Brasil faz fronteiras. Não há como evitar o contágio." Em São Paulo, a Sucen está de sobreaviso e mantém seus 1.700 funcionários em circulação pelo Estado à procura do *Aedes aegypti*, o mosquito transmissor da dengue, que se reproduz com maior velocidade durante os dias quentes de verão. ▲